

Ensino da Música

Modinha sobre equívocos

O que se pode realmente esperar da Educação Musical? A propósito da realização da Conferência Nacional de Educação Artística (CNEA), de 29 e 31 de Outubro, na Casa da Música, no Porto, a nossa colaboradora, membro da Companhia de Música Teatral, que muito tem trabalhado no âmbito da iniciação musical de bebés, reflecte sobre as expectativas, por vezes excessivas, que frequentemente se depositam nesta área

■ **HELENA RODRIGUES**

«(...) a generalidade dos políticos interessa-se não pela verdade mas pelo poder e pela manutenção desse poder (...). Estamos pois rotulados por uma vasta teia de mentiras, de que nos alimentamos.
Harold Pinter *In Arte, Verdade e Política*, p. 19

A Educação Artística e em particular a aprendizagem musical devem ter um lugar primordial no ensino e nas práticas educativas informais direccionadas às crianças desde a mais tenra idade. É na infância que se aprende mais e melhor e, por isso, deveríamos reservar para a educação artística e musical das nossas crianças os melhores recursos. Mas porque? Porque deve a Educação Artística e Musical merecer a nossa melhor atenção?

Este texto é uma autópsia a alguns dos argumentos que pululam em redacções sobre a importância da Educação Artística. Para que a Escola se governe por intencionalidades educativas, de facto, e não ande a reboque de problemas de empregabilidade, ou da ocupação de tempo de crianças filhas de pais extenuados, é necessário possuir uma filosofia. Será que a vigente é suficientemente sólida? Uma vez que saber o que queremos é muitas vezes saber o que não queremos, discorram-se aqui alguns dos argumentos mais frequentemente invocados quer pelo discurso político como pelo discurso académico - que muitas vezes é apenas político - quando se trata de teorizar em torno da Educação Artística.

O argumento do desenvolvimento do pensamento crítico e de capacidades de reflexão. Não será o desenvolvimento do pensamento crítico e das capacidades de reflexão uma matéria óbvia da Escola da Vida? Qual o porquê da Educação Artística? O argumento do desenvolvimento do sentido estético e da criatividade. O que é o sentido estético? Debaixo do bisturi, onde se situa o sentido estético da diva que canta maravilhosamente, «com» sentido estético quando canta e «sem» sentido estético quando veste ou mobila a casa? (Isto é, de acordo com os parâmetros dos polícias sinaleiros do sentido estético). Será o mesmo, o «sentido estético» que produz apreciadores de *heavy metal*, de «música erudita», «pimba» ou «sacro pimba»?

O que é «a» criatividade? Pode falar-se em criatividade ou em criatividade? Isto é, um escritor criativo é um *designer* criativo? E um burlão, não é um «criativo»?

Há que desfazer o mito «educação artística = criatividade = autonomia». A prática musical é muito frequentemente uma reprodução de clones da interpretação de uma figura hierarquicamente superior - seja um professor ou um maestro - sem qualquer incentivo a um discurso próprio.

Não é a matéria que proporciona a criatividade. É o Mestre na sua forma de lidar com a matéria. E isto é tão válido para a pedra e a Vénus de Milo como para os números e o binómio de Newton.

Sociedades sem conflitos e sustentáveis

«(...) a Educação Artística, como forma de construção política e cívica, constitui uma ferramenta de base para a coesão social e pode ajudar a resolver as questões difíceis com que se defrontam muitas sociedades, nomeadamente o crime e a violência, o analfabetismo persistente, as desigualdades de género (incluindo o insucesso masculino), os maus-tratos de crianças e a negligência, a corrupção política e o desemprego».

In Unesco, Recomendações da Conferência Mundial sobre Educação Artística, p.2

A ex-Iugoslávia possuía uma elevada educação musical. Alguém tem dúvidas de quanto esta terá contribuído para a tolerância e fraternidade entre sérvios, croatas, eslovenos e curdos?

É estranho também que as Artes, tão protegidas pelos regimes de Leste, não tenham protegido a ex-URSS do crime e da violência, da corrupção política e do desemprego. Associado a este tipo de discurso vem o discurso do multiculturalismo, nem sempre entendido como miscegenação de conteúdos artísticos, mas antes como uma espécie de representatividade e cotas Benetton. Com este magnífico respeito pelos valores de outras civilizações, talvez devêssemos constituir uma orquestra tolerante, com canibais nos diversos grupos instrumentais. E, já agora, também a excisão do clitoris deveria ser democraticamente

Deverão esperar-se implicações sócio-morais da educação musical?

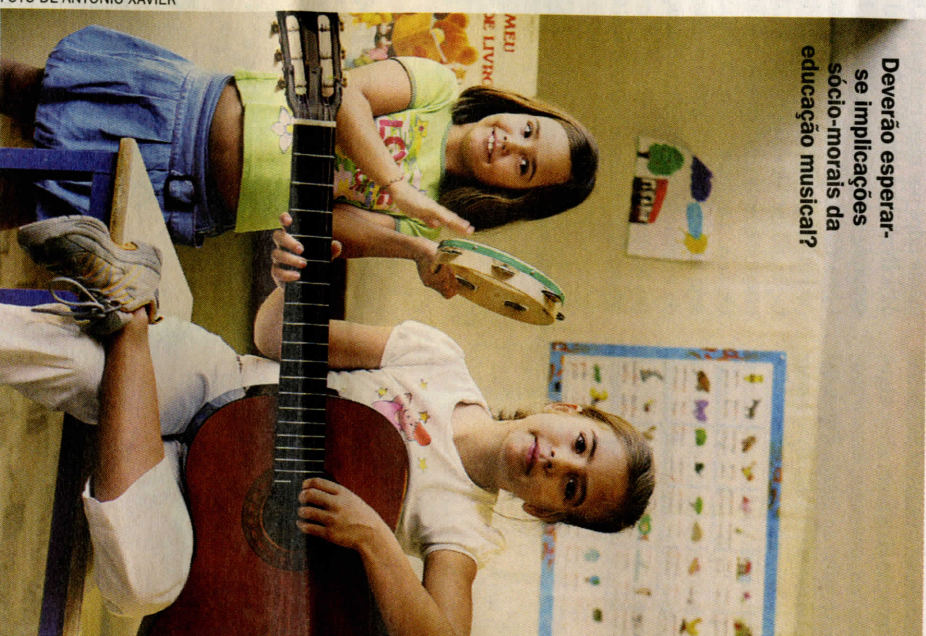


FOTO DE ANTÓNIO XAVIER

oferecida pelos nossos hospiais.

Pois, fica mais barato estender a mão do multiculturalismo e oferecer bens educativos e culturais excedentários aos países pobres enquanto a outra continua a fazer negócios lucrativos.

Ou seja, a colonização faz-se hoje com mecanismos mais sofisticados, fazendo as Artes também parte do grande negócio das armas.

Desenvolvimento das capacidades cognitivas

Que capacidades cognitivas? Que aprendizagem? Que competências? Neste âmbito, a ideia de que a Educação Artística pode contribuir de modo significativo para a melhoria do desempenho dos estudantes em domínios como «a alfabetização e a aprendizagem do cálculo» é dos argumentos mais invocados.

Pessoalmente, como artistas, preferiríamos ouvir dizer que a aprendizagem do cálculo e a alfabetização são óptimas panaceias para o melhoramento da Educação Artística. Mas provavelmente são apenas coisas independentes. Dependentes apenas do investimento que se põe na Educação das crianças. E o que sucede é que quase sempre quando se pensa na Educação Artística já se pensou também nas outras componentes da Educação. Não admira, portanto, que o sucesso educativo global apareça associado à Educação Artística.

O que sucede é que a sua existência no currículo está relacionada com o cuidado esmerado que se deposita na educação privilegiada de algumas crianças. Ou seja, não se pode, pois, afirmar que a Educação Artística é a causa desse sucesso - será mais seguro constatar que está, eventualmente, relacionada com outros factores que explicam esse sucesso.

É estranho que este tipo de argumentos venha, regra geral, acompanhado da desamante afirmação «conforme o demonstram vários estudos científicos», sem que estes sejam citados concretamente nem tão pouco as suas fragilidades metodológicas (e, já agora, também os seus financiamentos). Ou sem que sejam citados também os estudos que demonstram o oposto.

De qualquer modo, esta preocupação com a demonstração de que, para além de produzir benefícios humanos e sociais, a Educação Artística «permite actuar eficazmente ao nível dos processos de aprendizagem», sendo «possível avaliar o impacto do Ensino Ar-

tístico», traduz apenas a obsessão da sociedade contemporânea por critérios como rentabilidade e produtividade.

Torture-se a Arte até que confesse: tem utilidade, não é um desperdício de recursos, é rentável, funcional, «dá milhões».

Acontece, porém que da pedra da Vénus de Milo se poderiam fazer tijolos, mosaicos, cinzeiros. O escultor decidiu, no entanto, fazer a vontade à pedra e fazer dela uma escultura que não «serve» para mais nada senão para contemplar.

Grave, gravíssimo: com essa transformação a pedra ganhou vida própria.

E tornou-se menos consensual que um tijolo.

É por isso que há alturas históricas em que os governos estão particularmente atentos ao não conformismo dos cristais.

O argumento de capacidades sociais e morais

«(...) E a vítima, num fio de voz enrouquecido, apregoava sem prego, apenas com delicadeza e timidez: violetas, quem quer comprar violetas? (...) Ao queixune vertical daquele corpo parado no silêncio, a actriz, dotada de enorme talento artístico, retorquiu com uma voz ruminantemente grave e sensual: Vá-se embora, mulher, saia daqui!».

Helena Rodrigues, *In Música, chocolate para os ouvidos*

Capacidades sociais e morais eram com certeza traços da personalidade de Hitler, amante de pintura, literatura e música. E, à sua volta, vários outros artistas afinavam pela mesma mundividência. Quanto aos poemas de Milosevic, falarão eles de canções para as crianças mortas?

Enfim, a História está recheada de factos que deixam muito a dividiar acerca das capacidades sociais e morais dos artistas.

A motivação dos estudantes para quê?

A Educação Artística melhora a qualidade da Educação ou uma Educação que inclui as Artes é uma Educação de melhor qualidade?

Fonte de equilíbrio emocional

De que Educação Artística se fala? De que Música? De que equilíbrio? Poderão artistas como Jimmy Hendrix, Elvis Presley, Jim Morrison, Judy Garland, Elis Regina, cuja dependência de drogas era bem conhecida, ser considerados «equilibrados emocionalmente»?

Não, não é específico de um determinado tipo de Música. Na música erudita encontram-se igualmente grandes artistas cuja dependência da cocaína, por exemplo, é, em circuitos privados, bem conhecida. Aliás, que dizer do «equilíbrio emocional» de Schumann? E de Gesualdo de quem se diz ter assassinado a mulher?

E, há quem jure neste país armatilhado, a melomania não vacina contra a pedofilia. Neste país armatilhado por gente de direita com argumentos corrompidos por afectos - «sempre houve (e tem de haver) pedofilia; isto é um caso político» - e por gente de esquerda, bem acompanhada por técnicos da saúde mental dos outros - «a sexualidade tem múltiplas formas de se expressar» - «a pedofilia é uma doença, não se pode judicializar a moral» - há muita gente que alinha e cacareja com a galinha: a Música sublima a pulsão sexual.

Enfim, seria bem mais original sustentar que, tal como outras dependências, a melomania, por exemplo, é um comportamento de adição socialmente aceite.

Antes esta que outras dependências.

O argumento de que arte e cultura estimulam o crescimento económico e podem ser usados como bens de exportação

Em face dos argumentos anteriores este é o argumento mais legítimo. Mas, «o que é que tu e eu podemos fazer»?

Antes de mais, concentrarmo-nos no essencial. Não se deve perder tempo com o acessório.

Observar a atenção e o gozo que um bebé revela quando alguém com ele brinca, ou embala ou lhe canta, deveria ser suficiente para justificar as Artes na Educação. Ou a Educação nas Artes. Ou a Educação para as Artes. Perante este olhar enternecido, todas as proposições deveriam ser irrelevantes.

Depois, acreditemos que as mudanças educativas e sociais se fazem sobretudo através do contributo individual de cada um de nós e da nossa própria «inscrção» (Gil, 2004).

Ou seja, o que temos a fazer é melhorar a nossa própria qualidade como pessoas e o nosso próprio desempenho. Apesar da teia. ●